

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Reflexões sobre a elaboração de atlas linguístico no contexto amazonense: desafios metodológicos do Atlas Linguístico da Microrregião de Coari e do Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins

Ana Miles de Souza Belém, Geise Freitas de Oliveira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13692>

Submetido em: 2025-10-08

Postado em: 2026-05-05 (versão 3)

(AAAA-MM-DD)

Justificativa da versão: Foram feitas correções e melhorias no corpo do texto para aprimorar a qualidade do trabalho, além da inclusão de imagens ilustrativas.

Tipo de Trabalho: Relato de Experiência

Reflexões sobre a elaboração de atlas linguístico no contexto amazonense: desafios metodológicos do Atlas Linguístico da Microrregião de Coari e do Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins

Reflections on the development of a linguistic atlas in the Amazonian context: methodological challenges of the Atlas Linguístico da Microrregião de Coari and the Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins

Ana Miles de Souza BELÉM¹

Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2733-1312>

Geise Freitas de OLIVEIRA²

Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0955-9359>

Resumo

Este artigo tem como objetivo trazer reflexões sobre a elaboração de atlas linguísticos no cenário amazônico, especificamente no contexto amazonense, com ênfase nos desafios metodológicos da pesquisa de campo realizada durante a elaboração do Atlas Linguístico da Microrregião de Coari e do Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins, no Amazonas, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional (Thun, 1998) e da Geolinguística (Cardoso, 2010). A dimensão territorial dos contextos de pesquisa, a distância entre os pontos de inquérito de cada microrregião e a dificuldade de acesso a algumas localidades em decorrência dos meios de transporte utilizados na região amazônica transformam-se em grandes obstáculos metodológicos para a coleta de dados. Por outra perspectiva, a complexidade metodológica para a elaboração de atlas linguístico na região mostra-se como um desafio pequeno diante da riqueza e da diversidade linguística do português amazônico, contribuindo significativamente para a descrição e a valorização dos falares regionais e suas particularidades.

Palavras-chave: Dialetoлогия. Geolinguística. Atlas linguístico. Desafios metodológicos. Contexto amazonense.

¹ Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Florianópolis – SC. E-mail: anamilesbelem@gmail.com. Autora do Atlas Linguístico da Microrregião de Coari.

² Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Florianópolis – SC. E-mail: ghidaka@gmail.com. Autora do Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins, em desenvolvimento.

Abstract

This paper aims to bring reflections on the development of linguistic atlases in the Amazonian scenario, specifically in the State of Amazonas, with emphasis on the methodological challenges of the field research carried out during the elaboration of the Atlas Linguístico da Microrregião de Coari and the Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins, in Amazonas, based on the theoretical-methodological assumptions of Pluridimensional Dialectology (Thun, 1998) and Geolinguistics (Cardoso, 2010). The territorial dimension of the research contexts, the distance between the locations in each microregion, and the difficulty of accessing some locations due to the transportation used in the Amazon region become major methodological obstacles to collecting research data. From another perspective, the methodological complexity of creating a linguistic atlas in the region appears to be a minor challenge given the richness and linguistic diversity of Amazonian Portuguese, contributing significantly to the description and appreciation of the regional dialects and its particularities.

Keywords: Dialectology. Geolinguistics. Linguistic Atlas. Methodological challenges. Amazonian context.

Introdução

Com os avanços dos estudos linguísticos, não podemos estudar a língua em uso sem levar em consideração a variação linguística em suas múltiplas interfaces. Um ramo que estuda a variação linguística do ponto de vista da distribuição dialetal é a Dialetologia que, de acordo com Cardoso (2010, p. 15), “é um ramo dos estudos linguísticos que tem como tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua varia, de acordo com a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.”

Os primeiros estudos dialetais, de fato, estavam preocupados em situar os diferentes usos apenas em termos geográficos, comparando os usos ou a ausência de determinadas formas linguísticas em diferentes localidades. Além disso, o informante ideal deveria ser homem, adulto, analfabeto, sedentário e morador da zona rural, pois acreditava-se que este perfil representava linguisticamente cada espaço geográfico. Segundo Cardoso (2010), na maior parte dos estudos dialetais utilizava-se o método da geografia linguística, ou geolinguística, que busca registrar as realizações e diferenças dialetais nos diferentes espaços geográficos.

Contudo, com os avanços dos estudos linguísticos com foco na diversidade e na variação linguística, o controle de diversos grupos de fatores de ordem social como sexo, faixa etária e

escolaridade, por exemplo, vêm ocupando cada vez mais espaço nos estudos dialetais. Assim, a mentalidade dialetológica também começa a mudar, e com isso o perfil social do informante também se amplia, interferindo diretamente em questões metodológicas que envolvem as pesquisas do campo. A geolinguística, que até então era definida e utilizada apenas como uma metodologia do fazer dialetológico para documentar os achados dialetais em mapas linguísticos, passa a ocupar um espaço de maior destaque nos estudos da diversidade linguística.

Romano (2014) defende que atualmente a geolinguística não se trata apenas de um método dos estudos dialetológicos, mas de uma área de interesse da Dialetologia. Segundo o autor, “o fazer geolinguístico ultrapassa a representação dos dados em mapas especiais, embora se valha do método cartográfico para documentar formas e expressões linguísticas” (Romano, 2014, p. 137).

Dentre as diferentes formas do fazer dialetológico e geolinguístico, a mais conhecida é a elaboração de atlas linguístico, que consiste em um conjunto de mapas especiais, chamados de cartas linguísticas, que documentam as formas linguísticas usadas em diferentes localidades representadas cartograficamente. Um atlas linguístico pode abranger diferentes extensões territoriais, e pode englobar um país inteiro, como é o caso do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Cardoso *et. al.*, 2014), um estado, como o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (Cruz, 2004), ou ainda regiões menores, como microrregiões, municípios e pequenas comunidades, revelando especificidades linguísticas que os atlas de maior abrangência territorial não conseguem revelar.

No contexto amazonense, desde a elaboração do ALAM em 2004, o primeiro atlas linguístico do estado, surgiram muitos outros estudos de cunho dialetal que registram e evidenciam a rica diversidade linguística amazonense, como o Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM (Brito, 2011), o Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN (Justiniano, 2012), o Atlas Morfossintático da Microrregião do Madeira – AMSIMA (Tavares, 2017), o Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM (Maia, 2018), dentre outros. No entanto, por conta da vasta extensão territorial do estado, muitas áreas ainda não foram contempladas por estudos dialetais. Atualmente, essa empreitada de documentar a diversidade linguística amazonense por meio da elaboração de atlas linguísticos de pequeno domínio vem crescendo com o trabalho de novos pesquisadores naturais da região empenhados em desbravar os rios em busca de registrar o português amazônico e suas singularidades em diferentes

microrregiões do Amazonas³, como o Atlas Linguístico da Microrregião de Coari – ALiMCO (Belém, 2025), o Atlas Linguístico do Alto Solimões – ALiAS (D’Ávila, 2025) e o Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins (Oliveira, em desenvolvimento).

Assim, este artigo tem como objetivo trazer reflexões sobre a elaboração de atlas linguísticos no cenário amazônico, especificamente no contexto amazonense, com ênfase nos desafios metodológicos da pesquisa de campo realizada durante a elaboração do Atlas Linguístico da Microrregião de Coari e do Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins, no Amazonas, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional (Thun, 1998) e da Geolinguística (Cardoso, 2010). Ressaltamos que o foco deste trabalho não é trazer os resultados das duas pesquisas, mas relatar os obstáculos e desafios metodológicos enfrentados para a realização de um trabalho de campo voltado para a investigação e documentação dialetal em regiões de grande extensão territorial e de dificuldades de deslocamento, como o ambiente amazônico, por meio das experiências vividas durante a realização dos dois projetos desenvolvidos pelas autoras como tese de Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Os estudos dialetais no Brasil: algumas considerações históricas

A sistematização dos estudos dialetais no Brasil vem passando por várias divisões ao longo dos anos. A primeira organização histórica dos estudos dialetais foi realizada por Antenor Nascentes nos anos de 1950 e compreende estudos realizados em duas grandes épocas: de 1826 a 1920, com trabalhos quase exclusivamente de caráter lexical; e de 1920 a 1951, com trabalhos voltados para a descrição da realidade linguística em seus diferentes níveis gramaticais e em regiões geográficas específicas, iniciando com a publicação de *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral em 1920, incluindo trabalhos como *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes, em 1922, e encerrando com *A linguagem popular da Bahia*, em 1951, de Edison Carneiro (Porto, 2015).

Desde então, outras sistematizações foram feitas. Ferreira e Cardoso (1984) acrescentam que os estudos correspondentes à segunda fase proposta por Nascentes já

³ O Estado do Amazonas está dividido em quatro mesorregiões e treze microrregiões. A mesorregião do Norte-Amazonense contempla as microrregiões do Rio Negro e do Japurá. A mesorregião do Sudeste-Amazonense contempla as microrregiões do Alto Solimões e do Juruá. A do Centro-Amazonense, por sua vez, engloba as microrregiões de Tefé, Coari, Manaus, Rio Preto da Eva, Itacoatiara, Parintins e Boca do Acre. E por fim, a Sul-Amazonense abrange as microrregiões do Purus e do Madeira. Cada microrregião é formada por um número de municípios, totalizando os 62 municípios que formam o Estado do Amazonas. (Migueis, 2019).

apresentaram os primeiros passos para aquilo que além de um método, corresponderia futuramente a um campo dos estudos dialetológicos: a Geolinguística. Segundo as autoras, essa fase é marcada pela produção de trabalhos com temáticas direcionadas para a observação de uma área específica, visando descrever os fenômenos que a caracterizam não somente do ponto de vista semântico-lexical e fonético-fonológico, mas também morfossintático.

A terceira fase, de acordo com Ferreira e Cardoso (1984), tem início em 1952 com a publicação do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que delibera a criação de uma comissão para promover pesquisas com a finalidade de elaborar o Atlas Linguístico do Brasil, e com o desenvolvimento dos primeiros estudos geolinguísticos nos anos seguintes. De acordo com Romano (2013), esta fase dos estudos dialetais no Brasil foi marcada pela produção de trabalhos de cunho geolinguísticos voltados para elaboração de atlas linguísticos estaduais.

Uma quarta fase dos estudos dialetais, que se inicia a partir da implantação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB em 1996, foi proposta por Mota e Cardoso (2006) e rediscutida por Romano (2013), incluindo trabalhos desenvolvidos a partir do início das atividades do Projeto ALiB.

Há autores, como Teles (2018), que defendem que atualmente estamos na quinta fase dos estudos dialetais no Brasil, que se iniciou com a publicação dos dois primeiros volumes do ALiB em 2014, com a utilização de uma cartografia linguística atual e inovadora e além de proporcionar o desenvolvimento de diversos trabalhos a partir de seus dados.

Os estudos dialetais já progrediram bastante no Brasil desde o desenvolvimento dos primeiros trabalhos até a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil e muito já tem sido feito desde a publicação do ALiB, alcançando gradativamente novas áreas dialetais. Os trabalhos, que inicialmente voltavam-se quase exclusivamente para a distribuição das formas variantes em espaços geográficos, apresentando apenas a dimensão diatópica da variação linguística como ponto de interesse e trabalhando com um único perfil de informante, passam, atualmente, a considerar outras dimensões da variação.

Surge, nesse contexto, a Dialectologia Pluridimensional, Relacional e Contactual, proposta por Thun (1998), que amplia a Dialectologia Monodimensional e tradicional que contemplava apenas a dimensão espacial da variação linguística, inserindo nos estudos dialetais outras dimensões costumeiramente controladas nos estudos sociolinguísticos, como sexo, idade, escolaridade, dentre outras, o que conseqüentemente ampliou o perfil dos informantes.

Assim, a Dialectologia Pluridimensional torna-se fundamental para a criação de um atlas linguístico na atualidade, seja ele um atlas de grande ou de pequeno domínio, uma vez que

transcende a dimensão espacial da variação linguística, e passa a envolver cada vez mais outras dimensões da variação linguística essenciais para a compreensão dos fenômenos em variação.

Breve panorama dos estudos dialetais no Amazonas

No âmbito regional, muitos estudos sobre a diversidade linguística amazonense já foram realizados sob diferentes enfoques e metodologias.

Destacamos, no Quadro 1, alguns trabalhos que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da Dialetoologia no Amazonas.

Quadro 1 – Alguns estudos dialetais realizados no Amazonas

Título	Pesquisador (a)	Ano	Natureza da pesquisa
O falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves	Hydelvídia Corrêa	1980	Dissertação
Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM	Maria Luiza de Carvalho Cruz	2004	Tese
Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM	Roseanny Melo de Brito	2011	Dissertação
Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN	Jeiviane dos Santos Justiniano	2012	Dissertação
Atlas morfossintático da microrregião do Madeira – AMSIMA	Liliane Sampaio Tavares	2017	Dissertação
Atlas linguístico do sul amazonense – ALSAM	Edson Galvão Maia	2018	Tese
Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA	Letícia Pinto Cardoso	2018	Dissertação
Atlas Morfossintático de parte da microrregião do Rio Negro - Solimões – AMPRINES	Josué Cordovil Medeiros	2018	Dissertação
Atlas Linguístico da Microrregião de Coari – ALiMCO	Ana Miles de Souza Belém	2025	Tese
Atlas Linguístico do Alto Solimões – ALiAS	João Bosco Martins D'Ávila	2025	Tese

Fonte: Elaborado pelas autoras⁴

⁴ Quadro elaborado a partir do levantamento de dados nos repositórios das universidades locais e consulta ao site <https://gelam.ufam.edu.br/>, do Grupo de Estudos Linguísticos do Amazonas.

Dentre os trabalhos listados, daremos atenção especificamente ao de Corrêa (1980) e ao de Cruz (2004) pela referência, pioneirismo e abertura de novos olhares para os estudos dialetais no Amazonas.

O primeiro trabalho sob a perspectiva da Dialetologia no Amazonas foi realizado em 1980 com a pesquisa intitulada *O falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves*, realizada por Hydelvídia Corrêa, resultado de sua pesquisa de mestrado. O trabalho teve como objetivo conhecer os aspectos fonéticos-fonológicos e léxico-semânticos que caracterizam o falar amazonense considerando as cidades de Itacoatiara e de Silves como pontos de inquérito, localizados na região do Médio-Amazonas. Neste trabalho, a pesquisadora entrevistou 42 pessoas, 21 em cada localidade, sendo 28 homens e 14 mulheres, todos acima de 35 anos, analfabetos ou até o primário incompleto e com diferentes ocupações, principalmente aquelas voltadas para atividades do campo. Os inquéritos foram realizados por meio de conversação dirigida utilizando questionário contendo 286 questões, sendo 237 para investigação de aspectos léxico-semânticos e 49 para aspectos fonético-fonológicos. A autora destaca que há uma forte influência indígena no léxico usado pelo caboco amazonense, sobretudo nos campos semânticos de moradia, pesca, plantas, meios de transportes, rios e lugares.

Apesar de não ter resultado na elaboração de atlas linguísticos, a pesquisa de Corrêa (1980) é considerada precursora para os estudos dialetológicos no Amazonas e foi referência para estudos de cunho dialetais posteriores, sendo também, 20 anos mais tarde, base para a elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM, o primeiro da região, já com refinamento metodológico nos moldes da geolinguística moderna.

Cruz (2004), em sua tese intitulada *Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM*, já sob a perspectiva da Dialetologia Pluridimensional, apresenta o primeiro atlas linguístico do estado com o objetivo conhecer o falar amazonense abarcando um espaço geográfico mais amplo que considerasse as diversas microrregiões do estado. A pesquisa teve como pontos de inquérito nove municípios do Amazonas, cada um representando uma microrregião, conforme a divisão territorial utilizada na época, sendo eles: Barcelos, pertencente à Microrregião do Alto Rio Negro; Tefé, pertencente a Microrregião Jutai-Solimões-Juruá; Benjamin Constant, pertencente ao Alto Solimões; Eirunepé, pertencente à Microrregião de Juruá; Lábrea, pertencente ao Purus; Humaitá, pertencente à Microrregião do Madeira; Manacapuru, pertencente ao Rio Negro-Solimões; Itacoatiara, pertencente ao Médio Amazonas; e, Parintins, pertencente à Microrregião do Baixo Amazonas. A autora entrevistou 54 informantes, sendo seis em cada localidade, divididos por sexo (homem e mulher) e faixa etária (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em

diante), todos com no máximo até a 4ª série do fundamental I ou antigo primeiro grau. Para as entrevistas, a autora trabalhou com um questionário contendo 483 questões, divididas entre questionário fonético-fonológico, com 156 questões, e questionário semântico-lexical, com 327 questões, além do registro de elocuições livres por meio de questões semidirigidas. Os resultados de sua pesquisa resultaram na elaboração de 257 cartas linguísticas, sendo 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais. Sua tese é referência para estudos dialetológicos e geolinguísticos posteriores no Amazonas e seus achados são analisados e servem de comparação com os resultados de estudos mais recentes sobre a diversidade linguística amazonense, tanto de cunho dialetal quanto sociolinguístico.

No que concerne aos desafios metodológicos discutidos nestes trabalhos pioneiros, as autoras já relatavam as particularidades de se fazer pesquisa na região. No trabalho de Corrêa (1980), a facilidade de acesso ao município de Itacoatiara, que é por meio de rodovia, foi um fator favorecedor para a realização do trabalho. O deslocamento para Silves, por sua vez, foi por via fluvial utilizando motor de linha, embarcação comum na região. Já na pesquisa de Cruz (2004), os desafios foram maiores, considerando que a pesquisadora precisou percorrer por todas as microrregiões do Amazonas, visitando nove pontos de inquérito, superando dificuldades relacionadas principalmente ao acesso às localidades por conta da dimensão territorial do estado e à falta de infraestrutura nos municípios para abrigar pesquisadores. Segundo a autora, apenas nos municípios de Manacapuru e de Itacoatiara o acesso foi por via terrestre, por serem mais próximos da capital Manaus; para os demais pontos, o acesso foi por meio de aviões de pequeno porte, o que tornou a pesquisa bem onerosa por conta dos altos valores das passagens aéreas, que foram custeadas pela Universidade Federal do Amazonas, o que facilitou a pesquisa de campo por conta da grande distância entre os pontos de inquéritos.

Como podemos observar no Quadro 1, diversos outros estudos dialetais foram realizados após os trabalhos pioneiros de Corrêa (1980) e de Cruz (2004), sendo, em sua maioria, atlas de pequeno domínio que revelam especificidades dialetais de áreas específicas do Amazonas, tendo como referência os pressupostos metodológicos do Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM.

Mais recentemente, podemos citar um conjunto de pesquisas voltadas para a elaboração de atlas linguísticos no Amazonas, na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional (Thun, 1998) e da Geolinguística (Cardoso, 2010), seguindo os pressupostos metodológicos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, com adaptações ao contexto amazônico, e desenvolvidas por pesquisadores amazonenses, naturais de cada microrregião investigada, como tese de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa

Catarina – PPGLin/UFSC. São elas: Atlas Linguístico do Alto Solimões (D'Ávila, 2025), Atlas Linguístico da Microrregião de Coari (Belém, 2025) e Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins (Oliveira, em fase de elaboração), com previsão de conclusão em 2027. Estes dois últimos trabalhos serão retomados adiante e servirão de base para as reflexões trazidas nas próximas seções.

É importante ressaltar que muitos outros trabalhos de investigação linguística em sua diversidade, como trabalhos de conclusão de curso, monografias, artigos, dissertações e teses, foram realizados no Amazonas, tanto na perspectiva dialetológica quanto sociolinguística. A lista de trabalhos pode ser consultada no site do Grupo de Estudos Linguísticos do Amazonas.

O Amazonas como espaço dialetológico e geolinguístico e os desafios metodológicos para a pesquisa de campo no contexto amazonense

Além dos povos originários que já habitavam a região, como os povos Aruaques, Tucanos e Tupis-guaranis, por exemplo, que deram origem a sociedades indígenas de grande diversidade cultural e linguística (decorrentes sobretudo das línguas autóctones dos povos indígenas que habitavam a região e do Nheengatu, conhecida como língua geral amazônica, que foi base de comunicação na região amazônica durante os séculos XVII e XIX), o Amazonas teve seu povoamento acentuado com demandas migratórias na região, que foram intensificadas no final do século XIX e início do século XX em razão à exploração da borracha, período em que, especialmente, portugueses, espanhóis e nordestinos vieram em massa para o estado (Jobim, 1957).

No que se refere à densidade demográfica, o estado dispõe de uma área territorial de 1.558.706,127 km², é constituído por municípios 62 municípios e tem população estimada em 3.941.613 pessoas, de acordo com o último censo (IBGE, 2023).

Em razão de sua extensão territorial, o deslocamento dentro do estado acontece majoritariamente por meio do transporte hidroviário, principalmente pelos rios Negro e Solimões/Amazonas, pois a infraestrutura de estradas é limitada. Quanto ao modal rodoviário, este é utilizado, em sua grande maioria, em rotas pertencentes à área metropolitana da capital Manaus e para alguns municípios do sul do estado, em que se destacam a AM-010, a BR19 e a BR-230, que apesar da precariedade em alguns pontos, ligam a capital Manaus a diversos municípios do interior do estado. O transporte aéreo também é uma opção, contudo, é o meio mais caro entre os modos de acesso e está disponível para um número muito reduzido de

municípios. A sazonalidade dos rios, com períodos de cheia e seca, impacta a navegabilidade e exige planejamento estratégico para garantir o abastecimento e a logística na região.

Figura 1 – Orla de Parintins (AM), no Rio Amazonas



Fonte: Acervo pessoal

É este universo que o pesquisador enfrenta quando realiza pesquisas fora da capital e proximidades. Neste cenário, pode-se dizer que muitos são os desafios enfrentados para a elaboração de um atlas linguístico na região amazônica, e, por conseguinte, quem se arrisca tem que lidar com todas as nuances intrínsecas do dia a dia da região.

Ainda concernente à elaboração de um atlas, alguns desafios relativos à metodologia de pesquisa são observados na região. Um deles é a etapa de coleta de dados, fase que exige tempo, conhecimento das características das localidades, e, a depender do período, o pesquisador precisará lidar com muito sol, muita chuva, muita água ou muito barranco⁵, o que demanda tempo e coragem, visto que coletar e organizar os dados são atividades complexas que carecem de muitas etapas. Nesse sentido, conforme pontua Carlos (2022, p. 49) *apud* Silva, Martins e Sanches (2024), a pesquisa dialetológica “exige coragem, tempo, disponibilidade, recursos financeiros para viagens, transcrições e elaboração de mapas linguísticos”.

A coleta de dados, torna-se, por vezes, mais difícil em razão da dificuldade de acesso às localidades estudadas que não pertençam à área urbana e/ou metropolitana de Manaus devido ao fato de que para chegar a um município mais distante, é necessário navegar por horas ou

⁵ Também conhecido na região como ribanceira, refere-se a uma área de terra com grande declive que se forma quando os rios secam.

dias, pois o meio mais usado na região para locomoção de uma cidade para outra são embarcações de grande, médio ou pequeno porte, o que também encarece a pesquisa.

Outro fator que deve ser pontuado é o processo de seleção dos informantes nas localidades. O grande desafio é, sem dúvidas, encontrar pessoas que apresentem o perfil estipulado em cada pesquisa e que estejam dispostos a participar das entrevistas, o que pode ser um processo mais demorado se o pesquisador não tiver apoio de alguém natural de cada ponto de inquérito. E mesmo após a pré-seleção dos informantes, é preciso lidar com a desconfiança das pessoas em realizar uma entrevista para um desconhecido, sendo necessário uma explicação prévia e detalhada do funcionamento da entrevista e dos objetivos da pesquisa.

Partindo para as entrevistas, podemos destacar um outro desafio metodológico, a aplicação dos questionários, que devem levar em consideração as particularidades das localidades investigadas, uma vez que não é produtivo aplicar questões cujas respostas remetam a referentes desconhecidos da região. Assim, para superar este problema, é preciso selecionar questões em que os referentes façam parte do léxico da região, fazer adaptações em questões retiradas de atlas linguísticos aplicados em outras regiões, quando necessário, e incluir perguntas inéditas capazes documentar a realidade linguística local. Antes da coleta, os questionários precisam ser testados e adaptados para o cenário local.

No contexto do fazer geolinguístico, a diversidade linguística da região, especialmente no Amazonas, é vasta, visto que os falares amazonenses recebem influências de outras línguas como herança, além de abrigar muitas línguas indígenas que representam um patrimônio cultural e linguístico inestimável.

Embora tenhamos pontuado algumas dificuldades no processo de coleta de dados no contexto amazonense, Romano (2020) declara que concernente ao campo dos problemas metodológicos, os desafios são comuns em qualquer pesquisa dialetal e geolinguística, ou seja, todo pesquisador que se propõe a fazer um estudo por meio de pesquisa de campo precisará superar uma série de desafios metodológicos inerentes à área, como a seleção de informantes, a aplicação dos questionários, a falta de recursos e o tempo limitado para fazer o trabalho de campo, independentemente da localidade investigada. O que diferencia as pesquisas dialetais no contexto amazonense são as particularidades da região no que concerne à extensão territorial do estado, à distância entre os pontos de inquérito e aos meios e tipos de transporte utilizados, que são predominantemente por meio dos rios, o que impacta no tempo de deslocamento entre as localidades e no alto custo para se realizar uma pesquisa na região, ao contrário de outras regiões do país, que possuem um modal rodoviário mais abrangente facilitando o deslocamento e o acesso a diversas localidades.

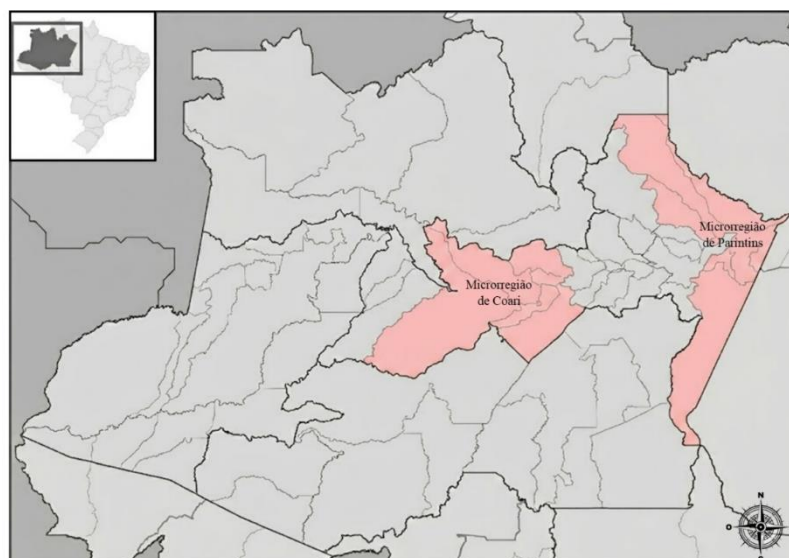
Isso posto, para além dos desafios metodológicos inerentes a qualquer pesquisa empírica que se propõe a investigar e documentar a realidade e a diversidade linguística, os estudos de cunho dialetais proporcionam a possibilidade de registrar variações linguísticas inéditas do português, além da possibilidade de contribuir com políticas linguísticas voltadas para currículo escolar do estado, pois, por intermédio dos registros da diversidade linguística na área é possível que haja maior proteção de línguas minoritárias, combate ao preconceito linguístico e fortalecimento da identidade cultural e linguística desse povo.

Em suma, o fazer geolinguístico e dialetológico por meio de produções de atlas linguístico, sejam eles de grande ou de pequeno domínio, são essenciais uma vez que visam documentar a realidade linguística do país, da região, dos estados e das microrregiões de forma mais completa, de maneira que a cultura e o modo de falar de um povo sejam registrados e respeitados como fator identitário.

Reflexões sobre a elaboração de atlas linguísticos no contexto amazonense

Como citado na seção anterior, um dos desafios para a produção e elaboração de atlas linguístico no contexto amazonense diz respeito a extensão territorial da área que será submetida à investigação dialetal. Para fins de ilustração, faremos uma breve caracterização do Atlas Linguístico da Microrregião de Coari e do Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins, para depois trazermos algumas reflexões sobre o trabalho de campo realizado durante o desenvolvimento destes projetos. As microrregiões estão ilustradas na Figura 2.

Figura 2 – Localização da Microrregião de Coari e de Parintins, no Amazonas



Fonte: Abreu, 2006 (adaptado)

A tese intitulada *Atlas Linguístico da Microrregião de Coari (ALiMCO)*⁶ tem como objetivo central documentar e descrever parte da realidade linguística da Microrregião de Coari no que diz respeito à língua portuguesa falada, em seus aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais, sob a perspectiva metodológica da Dialectologia Pluridimensional proposta por Thun (1998) e da Geolinguística proposta por Cardoso (2010).

A pesquisa teve início em abril de 2022 e término (defesa da tese) em dezembro de 2025. Para os registros nas localidades investigadas foram utilizadas 242 questões divididas em: questionário fonético-fonológico (QFF) com 71 questões, questionário semântico-lexical (QSL) com 171 questões e três perguntas de discurso semidirigido. As questões seguiram os pressupostos metodológicos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB (Comitê, 2001), do Atlas Linguístico do Amazonas (Cruz, 2004), do Atlas Linguístico do Sul Amazonense (Maia, 2018), além de questões caracterizadas como inéditas.

Para o estudo, foram selecionados todos os seis municípios que compõem a Microrregião: Coari (ponto 1), Codajás (ponto 2), Anori (ponto 3), Anamá (ponto 4), Beruri (ponto 5) e Caapiranga (ponto 6), considerando apenas as áreas urbanas de cada ponto. Participaram da pesquisa 24 informantes, quatro em cada município, sendo um homem e uma mulher para cada faixa etária, de 18 a 35 anos e de 50 a 65 anos, todos com o mesmo nível de escolaridade, de 8 a 13 anos. Além desses critérios sociais para a sistematização dos resultados de acordo com as dimensões diatópica, diasssexual e diageracional, foram eleitos os seguintes critérios: ser nativo da localidade investigada, assim como os pais (ou que pelo menos tenham chegado durante a infância), residir na localidade e não ter se afastado de seu local de nascimento por um longo período de sua vida.

A pesquisa de campo teve início na cidade da pesquisadora, Coari, e seguiu o fluxo do declive do rio Solimões⁷, tendo sua ordem de coleta situada de acordo com a sequência numerada por ponto. Como meio de transporte foram utilizadas embarcações denominadas como lancha e barco de pequeno porte. Não há transporte por via terrestre na microrregião investigada. Nesse contexto, podemos dizer que o deslocamento de um ponto para o outro figurou-se entre um dos mais desafiadores para a elaboração do ALiMCO, visto que demandou mais tempo para a locomoção, o que por vezes encareceu ainda mais o processo. A título de informação, a viagem de Coari para Codajás teve a duração de 3h30 aproximadamente; de

⁶ O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC) sob CAAE nº 75485323.0.0000.0121 e foi aprovado por cumprir as determinações das resoluções vigentes, de acordo com o Parecer Consubstanciado nº 6.595.035.

⁷ Com exceção do percurso realizado do ponto 5, Beruri, para o ponto 6, Caapiranga, uma vez que este trajeto requer sentido contrário a descida do rio.

Codajás para Anori e de Anori para Anamã, o tempo de viagem foi de 2h30 para cada um dos deslocamentos; de Anamã para Beruri, a viagem em lancha rápida foi de 4h. Quanto ao deslocamento do ponto Beruri para Caapiranga, a viagem teve a duração de 5h a 6h, pois houve a necessidade de mudança de embarcação, processo que aconteceu na cidade de Manacapuru, visto que até a realização da pesquisa não se teve conhecimento de viagem em curso direto de um ponto para outro.

Em suma, a tese atingiu seus objetivos, visto que apresenta importante contribuição para os registros histórico, cultural e linguístico, além de caracteriza-se como inédita na região.

Figura 3 – Porto de Manacapuru (AM), no Rio Solimões



Fonte: Acervo pessoal

O projeto de tese *Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins*⁸, em desenvolvimento, tem como objetivo documentar a diversidade linguística nos municípios de Parintins, Maués, Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, Urucará e São Sebastião do Uatumã, localizados na Microrregião de Parintins, na Mesorregião do Centro-Amazonense, na região do Baixo Amazonas, por meio da análise de fenômenos linguísticos variáveis fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos sob a perspectiva da Dialectologia Pluridimensional (Thun, 1998) e da Geolinguística (Cardoso, 2010).

⁸ O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC) sob CAAE nº 83345424.1.0000.0121 e foi aprovado por cumprir as determinações das resoluções vigentes, de acordo com o Parecer Consubstanciado nº 7.203.878.

O projeto teve início em 2024 e atualmente está na fase de transcrição dos dados coletados. Para registrar o falar regional nas localidades investigadas foram utilizadas 266 questões divididas em: questionário fonético-fonológico (QFF) com 80 questões, questionário semântico-lexical (QSL) com 160 questões e questionário morfossintático (QMS) com 22 questões, além de 4 perguntas para elocução livre por meio de discurso semidirigido. As questões seguiram os pressupostos metodológicos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Comitê, 2001), com adaptações para questões que documentassem a realidade linguística regional. Ademais, foram utilizadas questões do Atlas Linguístico do Amazonas (Cruz, 2004) e do Atlas Linguístico do Sul Amazonense (Maia, 2018) para futuras comparações, além da inclusão de questões inéditas.

Em cada ponto de inquérito foram selecionados quatro informantes, sendo um homem e uma mulher para cada faixa etária estipulada, de 18 a 35 anos e de 50 a 65 anos, todos com o mesmo nível de escolaridade, de 8 a 13 anos, e moradores das áreas urbanas de cada município. Além desses critérios sociais para a sistematização dos resultados de acordo com a dimensão diatópica, diasssexual e diageracional, foram utilizados critérios de inclusão com o intuito de representar cada localidade, como ser nativo da localidade investigada, assim como seus pais (ou que pelo menos tenham chegado durante a infância), residir na localidade e não ter se afastado de seu local de nascimento por um longo período de sua vida.

A pesquisa de campo teve como ponto de partida a capital Manaus. Para chegar ao município de Parintins, distante 369 km em linha reta de Manaus e 420 km por via fluvial, cidade natal da pesquisadora e maior município da microrregião que recebe seu nome, há três meios de transporte disponíveis, sendo um aéreo, com voos regulares e custo elevado (que podem variar de R\$ 500,00 a R\$ 2.500, a depender da época do ano), e dois fluviais, sendo um mais rápido, feito por meio de lanchas chamadas de expresso ou “ajato” (de R\$ 300,00 a R\$ 600, a depender da época), que dura aproximadamente 8 horas de viagem, e outro mais lento, porém o mais comum e mais acessível da região (de R\$ 120,00 a R\$ 200,00), feito por meio de embarcações regionais chamados de recreios, do tipo navio motor ou *ferry boat*, que dura aproximadamente de 18 a 25 horas de viagem. Este foi o tipo de transporte utilizado.

Para cada um dos demais municípios investigados, foi necessário pegar um outro transporte fluvial de Parintins, barco ou lanchas de pequeno porte em que as viagens podem variar de 4h a 24h de duração, a depender da distância, e principalmente do nível dos rios, o que impacta diretamente na navegação e no transporte de passageiros no Amazonas. Em tempos de cheia, a navegação pelos rios ocorre de forma mais rápida, pois é possível pegar alguns atalhos pelos “furos”, pequenos canais naturais que ligam rios e lagos encurtando a distância

fluvial entre os municípios. No entanto, durante a estiagem, a navegação ocorre de forma mais lenta, tanto por conta do nível de água dos rios que baixa consideravelmente, o que impossibilita o acesso pelos furos, que desaparecem, obrigando os barcos a seguirem o fluxo natural e as curvas dos rios, quanto pelos perigos causados pela vazante, como a formação de bancos de areia no meio curso d'água. Não há transporte rodoviário intermunicipal na microrregião investigada, assim como na maioria dos municípios do Amazonas.

Figura 4 – Barco que faz o trajeto Parintins-Maués-Parintins



Fonte: Acervo pessoal

O deslocamento intermunicipal no Amazonas é talvez o maior desafio metodológico da pesquisa de campo voltada para elaboração de atlas linguístico, pois demanda muito tempo em decorrência da distância e do tipo de transporte utilizado na região amazônica. Outro ponto a se levar em consideração é o alto custo das passagens fluviais, o que pode se tornar mais elevado em virtude de nem sempre haver transporte regular de um município para outro, sendo necessário retornar para o município sede da microrregião para então seguir para outro ponto inquirido, além da falta de transporte hidroviário diário em algumas localidades, elevando também os custos com hospedagem.

No que diz respeito à seleção dos informantes, esse desafio foi amenizado uma vez que as duas pesquisadoras contaram com apoio de moradores de cada ponto de inquirido, vinculados às escolas públicas dos municípios, para a busca e pré-seleção dos informantes de acordo com os critérios previamente definidos em cada pesquisa, o que tornou essa etapa menos exaustiva, cabendo às pesquisadoras fazerem a confirmação do perfil de cada informante pré-selecionado, a explicação do procedimento da entrevista, o esclarecimento dos objetivos de cada pesquisa,

conforme descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que resultaria futuramente na elaboração de um atlas linguístico – o que se mostrou como uma novidade para muitos dos participantes da pesquisa.

Acerca da aplicação dos questionários, que foram elaborados a partir de instrumentos utilizados em outras pesquisas, mas considerando a existência dos referentes na região e a inclusão de perguntas inéditas para documentar algumas formas linguísticas locais, houve, em alguns momentos, a necessidade de fazer adaptações na formulação das questões ao contexto regional durante as entrevistas, apesar de os questionários terem sido adaptados e testados antes da coleta dos dados, o que mostra a importância de se conhecer as localidades investigadas.

Apesar dos inúmeros desafios metodológicos que envolvem elaborar um atlas linguístico no contexto amazonense, os resultados encontrados transformam-se em potencialidades que demonstram a importância de se realizar pesquisas dialetais em áreas de grande extensão territorial e de dificuldades de deslocamento.

A primeira e mais importante é a possibilidade de registrar a rica diversidade linguística amazonense em suas diferentes realizações de acordo com cada microrregião investigada e até mesmo documentar formas linguísticas que só ocorrem no português falado em determinada microrregião ou município. Isso só é possível, pois ao elaborar um atlas linguístico de pequeno domínio, podemos registrar aspectos dialetais específicos de cada localidade, algo que um atlas estadual ou nacional não é capaz de fazer por questões de ordem metodológica.

Ao documentar os falares regionais por meio da elaboração de um atlas linguístico de pequeno domínio, como é o caso dos atlas que utilizamos como base para nossas reflexões, é possível também contribuir para a valorização das variedades regionais, para a preservação da identidade linguística dos povos da região amazônica e principalmente para combater o preconceito linguístico nos diferentes contextos sociais, principalmente no ambiente escolar. Ao ver a sua forma de falar registrada e cartografada em um atlas linguístico, sem juízos de valor por parte do cientista, o falante da região estará diante da legitimação de seu falar. Assim, o mapeamento dos falares regionais contribui significativamente para a valorização da diversidade linguística amazonense.

Além disso, elaborar um atlas linguístico em regiões de grande extensão territorial e ampla diversidade cultural como o Amazonas possibilita a sistematização das singularidades fonético-fonológicas, semântico-lexicais e morfossintáticas do português amazonense, refletindo não só questões de ordem geolinguística, mas também de ordem social de um estado marcado pela heterogeneidade linguística e cultural, o que pode contribuir para a adaptações de práticas pedagógicas na educação básica de acordo com a realidade linguística amazonense.

Considerações finais

Observando o aumento de pesquisas geolinguísticas realizadas na Região Norte, especificamente no estado do Amazonas, este texto foca em relatos e reflexões feitas a partir de duas produções que, separadamente, registram dados para confecção de dois atlas linguísticos, sendo um na Microrregião de Coari e outro na Microrregião de Parintins, no Amazonas.

Assim, destacamos neste trabalho que o fazer dialetológico e geolinguístico na região apresenta dificuldades inerentes à realidade geográfica, tais como: as distâncias de uma localidade para a outra, tendo em vista que o acesso para as localidades de ambas as pesquisas ocorre majoritariamente por via fluvial, elevando os custos para a realização da pesquisa de campo; e o processo de seleção dos informantes de acordo com os critérios da pesquisa dialetal, uma vez que muitos moradores saem de seus municípios no interior do Amazonas em busca de melhores oportunidades de vida na capital.

Sobre os benefícios das produções de atlas para as regiões, até o momento, estes dão conta de que há possibilidades de registrar variações únicas do português falado na região, contribuir para a criação de políticas linguísticas e educacionais que levem em consideração a realidade linguística documentada nos atlas, preservar e a valorizar o falar regional, bem como viabilizar a integração dos falares amazonenses em bancos de dados linguísticos, quer sejam no âmbito regional ou estadual, quer sejam no âmbito nacional, possibilitando o desenvolvimento de trabalhos a partir dos dados documentados.

Informações complementares

Conflito de Interesses

As autoras não têm conflitos de interesse a declarar.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados suplementares não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado linguístico decorrente da pesquisa de campo foi utilizado e analisado neste trabalho, que tem como escopo trazer reflexões sobre os desafios metodológicos enfrentados para a realização do trabalho de campo de pesquisas dialetais no cenário amazônico a partir das experiências vividas pelas pesquisadoras durante a realização da coleta dos dados, o que pode impactar na elaboração de atlas linguísticos. Portanto os dados e informações deste estudo advêm de fontes

citadas na lista de referências e das experiências vividas pelas autoras durante a pesquisa de campo.

No entanto, por conta do uso de IA, segue link com o prompt da IA usado neste trabalho: <https://chatgpt.com/share/68e420b7-b208-8004-9b94-386560959b6e>.

Declaração de Uso de IA

As autoras utilizaram o ChatGPT, versão GPT-5.2, da OpenAI na etapa inicial de planejamento e organização deste manuscrito para obter sugestões de estruturação deste relato, com contribuição mínima, uma vez que não foi seguida à risca. Declaramos que todo o conteúdo foi redigido, revisado e editado pelas autoras, que assumem total responsabilidade pelo manuscrito. O link para acesso ao prompt foi disponibilizado acima.

Declaração Ética

As duas pesquisas utilizadas para trazer as reflexões metodológicas que permeiam este artigo foram submetidas ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC), instituição a qual as autoras são filiadas. O projeto Atlas Linguístico da Microrregião de Coari foi submetido sob CAAE nº 75485323.0.0000.0121 e foi aprovado por cumprir as determinações das resoluções vigentes, de acordo com o Parecer Consubstanciado nº 6.595.035. O projeto Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins foi submetido sob CAAE nº 83345424.1.0000.0121 e foi aprovado por cumprir as determinações das resoluções vigentes, de acordo com o Parecer Consubstanciado nº 7.203.878. Apesar deste manuscrito não trazer resultados a partir de dados coletados provenientes das entrevistas, mas sim das experiências vividas pelas pesquisadoras durante o trabalho de campo, todos os inquéritos foram realizados mediante concordância e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por partes dos entrevistados, garantido respaldo legal e anonimização dos participantes da pesquisa.

Contribuição de Autoria

Ana Miles de Souza Belém - *Conceitualização. Aquisição de Financiamento. Investigação. Escrita – esboço original.*

Geise Freitas de Oliveira - *Conceitualização. Investigação. Escrita – esboço original. Escrita – revisão e edição.*

Financiamento

O projeto Atlas Linguístico da Microrregião de Coari foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) por meio do Programa de Apoio a Pós-graduandos fora do Estado do Amazonas sob Edital nº 013/2023-POSGFE. Já o projeto Atlas Linguístico-Etnográfico da Microrregião de Parintins está sendo financiado pela própria autora.

Link para Preprint

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13692>

Referências

- ABREU, R. L. **Mapa do Estado do Amazonas**. 2006. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregi%C3%B5es_e_microrregi%C3%B5es_do_Amazonas#/media/Ficheiro:Amazonas_MesoMicroMunicip.svg. Acesso em: 22 abr. 2026.
- BELÉM, A. M. de S. **Atlas Linguístico da Microrregião de Coari – ALiMCO**. [2025?]. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. *In*: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. **Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.
- CARDOSO, S. A. M. da S.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. de A.; ARAGÃO, M. do S. S. de; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W.; ALTENHOFEN, C. V. **Atlas Linguístico do Brasil**, Volumes 1 e 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- CORRÊA, H. **O falar do ‘caboco’ amazonense: aspectos fonético fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1980.
- CRUZ, M. L. de C. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- D’ÁVILA, J. B. M. **Atlas Linguístico do Alto Solimões (ALiAS)**. [2025?]. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1984.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Rio de Janeiro: IBGE, c2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/panorama>. Acesso em: 05 out. 2025.

JOBIM, A. **O Amazonas: sua história (ensaio antropogeográfico e político)**. Universidade do Brasil. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1957.

MAIA, E. G. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, UEL, 2018.

MIGUEIS, R. **Geografia do Amazonas**. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2019.

PORTO, S. M. **Dialetologia da Língua Portuguesa falada no Brasil**. São Paulo: Scortecci, 2015.

ROMANO, V. P. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 203–242, 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388>. Acesso em: 20 set. 2025.

ROMANO, V. P. Desdobramentos, desafios e perspectivas da Geolinguística Pluridimensional no Brasil. In: MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M. de; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. (orgs) **Contribuições de Estudos Geolinguísticos para o Português brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso**. Salvador, EDUFBA, 2020, p. 11-39.

ROMANO, V. P. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. **Papéis**, Campo Grande, UFMS, v. 18, n. 35, 2014, p. 135-153. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3017/2445>. Acesso em: 26 set. 2025.

SILVA, G. A. da; MARTINS, L. R.; SANCHES, R. D. Estudos geolinguísticos na Amazônia Legal: desafios e contribuições. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 18, p. e1830, 2024. DOI:10.14393/DLv18a2024-30. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/72866>. Acesso em: 5 out. 2025.

TELES, A. R. T. F. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes**. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367 - 409.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.